

Só a crise parou o crescimento da reciclagem na região de Leiria

## Quando o velho se torna novo

A reciclagem feita no ano passado pelos municípios dos concelhos de Leiria, Marinha Grande, Pombal, Batalha, Porto de Mós e Ourém poupou energia suficiente para manter ligada uma televisão durante 342 anos, metal que permite fabricar cerca de 14 milhões de latas de 0,33 litros, plástico suficiente para produzir mais de 5 milhões de t-shirts XL e a quantidade de vidro que permite produzir cerca de 12,5 milhões de garrafas de 0,75 litros. Não menos importante, resultou na poupança de 71.700 árvores. E agora andamos com roupa, usam brinquedos e sentamo-nos em mobiliário urbano feito com esse material reaproveitado...

Textos: Miguel Sampaio Fotos: Ricardo Graça



Sabia que as mesas que estão no parque do avião de Leiria, junto ao parque infantil, são 100% feitas com material reciclado de pacotes de batatas fritas e copos de iogurte? Tem conhecimento que o seu casaco de Inverno tipo feroz pode ser feito com casacos de vidro reciclado de garrafas de sumos e águas? Sabia que nos supermercados pode comprar papel higiénico reciclado? E que as garrafas de vidro são, actualmente, quase sempre feitas com casacos de vidro reciclado de outras garrafas? Tem noção que o alumínio é 100% reciclável e que o metal das latas velhas podem ser usadas em qualquer outro objecto de metal, como bicicletas ou peças para aviões?

Quando a política dos três r-

reduzir, reutilizar e reciclar - foi incluída aos cidadãos, longe estariam os responsáveis de imaginar que, passados estes anos, os resultados seriam de tal forma avassaladores. A nível nacional, nos últimos 10 anos, os resultados cresceram 25 vezes. Só nos seis concelhos, onde a Valorlis faz a recolha selectiva, em 2011 foram enviadas para reciclagem 4.395 toneladas de vidro, 4.780 toneladas de papel e cartão e 1.531 toneladas de embalagens de plástico e metal.

Ainda assim, comparativamente com 2010, verificou-se uma diminuição global de 6,9% na quantidade de material enviado para reciclagem. O preço da crise? Sinal de maior poupança e menor consumo? Miguel Aranda da Silva, administrador-delegado da Valorlis, acredita que sim. "Ano após ano verificamos um aumento nos valores de deposição selectiva dos resíduos, o que mostra que os municípios estão mais conscientes das suas práticas diárias, e estão mais sensibilizados para a rejeição que estas terão na preservação do ambiente. Pela primeira vez em 2011, esse aumento não foi verificado, sendo um sinal inequívoco de uma conjuntura de



maior poupança e menor desperdício."

De acordo os resultados do trabalho Hábitos e Atitudes face

à separação de resíduos domésticos 2011, desenvolvido pela Interrumpas para a Sociedade Ponto Verde, "se por um lado há uma intensificação dos hábitos de reciclagem e da opção por produtos mais ecológicos, ao nível do consumo dos restantes bens a redação é generalizada".

Em 60% dos lares é predominante a prática de separação de lixo ou de embalagens usadas e, entre os inquiridos, 47% é separador total, ou seja, separa todos os tipos de embalagens usadas que é possível, enquanto 22% separa apenas parte do lixo. A inexistência de qualquer prática

de separação de lixo verifica-se em 31% dos casos. "Este é o valor mais elevado de sempre desde que o estudo começou a ser realizado em 2006, com as famílias a demonstrarem tendência para fazer a separação total", refere o director-geral da Sociedade Ponto Verde, Luis Veiga Martins.

Os portugueses "estão cada vez mais sensibilizados para a importância da reciclagem, aproximando-se dos valores de separação observados nos países do centro da Europa", salienta Luis Veiga Martins. O Alentejo lidera a separação do lixo, com 77%

das famílias, enquanto que na Zona Centro o valor não ultrapassa os 63%, o mais baixo em Portugal continental.

Sérgio Pereira, 42 anos e técnico de equipamento de recolha selectiva na Valorlis, não tem tanta essa opinião. Há seis anos na função, irrita-lhe sobretudo quando as pessoas "deixam as viaturas estacionadas à frente dos ecopontos", algo que inviabiliza o trabalho de recolha, e entende que "falta um bocadinho de senso e organização" aos portugueses. "Ainda se encontra no lixo muita coisa que deveria ser reciclado, mas enganajo já não



há muitos." Mesmo assim, já encontra "de tudo" nos ecopontos, "desde caixões em decomposição a objectos em bom

### Sabia que...

- uma tonelada de **papel reciclado** evita o abate de 15 a 20 árvores, requer 50 a 200 vezes menos água, dá-se a três vezes menos energia, reduz 25% as descargas de águas residuais e 70% as emissões atmosféricas?
- a reciclagem de uma tonelada de **vidro** permite poupar 1.200 kg de matéria-prima e cerca de 150 litros de petróleo?
- a energia poupada pela reciclagem de uma garrafa de **vidro** é suficiente para manter acesa uma lâmpada de 100 watts durante 4 horas?
- cinco garrafas de água de **plástico** são suficientes para produzir um t-shirt tamanho XL?
- uma tonelada de  **aço** reciclado permite economizar 1,5 toneladas de minerais de ferro, 70% de energia e 40% no consumo de água em relação à mesma quantidade de aço novo?
- uma **lata de alumínio** reciclada permite poupar a energia necessária para manter uma televisão ligada durante três horas?
- a **pastilha elástica** leva 5 anos a ser absorvida?
- a **lata de refrigerante** demora 80 a 100 anos para ser absorvida?
- o **plástico** pode levar até 500 anos, mas existem alguns que simplesmente não se decompõem?
- o **vidro** fica um milhão de anos na natureza sem se decompor.

estado e que seriam úteis à maioria das pessoas." Se usa explica pela "falta de impeto" pelos profissionais do sector, notando mesmo a boa onda dos portugueses. "Habitualmente, as pessoas não colocam dentro do ecoponto roupas e electrodomésticos que estejam em condições, colocam-nos ao lado para que outros os possam aproveitar".

Ainda segundo o estudo da Sociedade Ponto Verde, para quem nunca realizou separação doméstica de lixo, a falta de recipientes próprios para o efeito (16%) e a falta do exclusivo trabalho implicado (45%) são os principais argumentos para justificar a opção.

O estudo dá conta de que é junto das famílias de menor nível económico mais elevado que se observa uma maior sistematização da prática de separação doméstica de lixo. As garrafas, frascos e botões de vidro são os resíduos mais separados (90%), seguindo-se as garrafas de plástico e as caixas de cartão (79%) e os jornais e revistas (74%). Os resíduos menos separados são as bases de estereótipo para alimentos e as embalagens de amoníaco, usadas em recipientes de barbear e de desodorizante (23%). ■

Miguel Aranda da Silva, administrador-delegado da Valorlis

## "Há crítica social para quem não faz reciclagem"



A Valorlis está a fazer um forte investimento que visa a modernização da unidade. Que investimento é esse?

É a automatização da central de triagem de embalagens. Temos uma central já obsoleta, incapaz de processar todas as embalagens que são recolhidas na Alta Intermediária, e houve a necessidade de fazer uma requalificação utilizando novos equipamentos de separação, e melhorando as condições de trabalho dos colaboradores que procedem à triagem manual das embalagens recicláveis. Trata-se de um investimento na ordem dos 2,6 milhões de euros, financiado pelo QREN, e que costamos que seja concluído até ao Verão deste ano.

As pessoas estão hoje convencidas de que é preciso fazer reciclagem?

Sem dúvida. Hoje começa a haver a crítica social para quem não protege o ambiente e não faz a reciclagem. Se o meu vizinho não usa o ecoponto ele é rejeitado socialmente. Actualmente já faz parte das nossas boas obrigações separar os resíduos e encaminhá-los para a reciclagem.

Quais são os principais erros que as pessoas cometem?

Os que nos preocupam mais são aqueles que trazem substâncias perigosas aos ecopontos. Cada vez com menos frequência, mas aparecem nos ecopontos embalagens de lâmpada, ou ácidos, ou depois nos seus manuseamentos, seja manual ou mecânico, podem trazer riscos. Depois aparecem nos ecopontos as bases de estereótipo para alimentos e as embalagens de amoníaco, usadas em recipientes de barbear e de desodorizante.

As agências de rating colo-

caram-nos no lixo. A crise nota-se nos resíduos?

Este ano tivemos algumas alterações tanto no modo de funcionamento que encaminhamos para aterro e para a Central de Valorização Orgânica, na ordem dos 4,7%, e também nas lixeiras da recolha selectiva, onde o vidro e o papel tiveram quotas significativas, enquanto que os plásticos e os metais diminuíram, mas não significativamente. Isto terá, sem dúvida, a ver com uma alteração dos hábitos de consumo, que originou uma produção inferior de resíduos.

Se não há crítica social para quem não protege o ambiente e não faz a reciclagem, se o meu vizinho não usa o ecoponto ele é rejeitado socialmente. Actualmente já faz parte das nossas boas obrigações separar os resíduos e encaminhá-los para a reciclagem.

Quais são os principais erros que as pessoas cometem?

Os que nos preocupam mais são aqueles que trazem substâncias perigosas aos ecopontos. Cada vez com menos frequência, mas aparecem nos ecopontos embalagens de lâmpada, ou ácidos, ou depois nos seus manuseamentos, seja manual ou mecânico, podem trazer riscos. Depois aparecem nos ecopontos as bases de estereótipo para alimentos e as embalagens de amoníaco, usadas em recipientes de barbear e de desodorizante.

As agências de rating colo-

